

E Deus viu que era bom: o conceito de fidelidade ne Nida e Aubert aplicados em duas traduções da Bíblia

Cristina Bordinhão¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo verificar se duas traduções atuais da Bíblia podem ser consideradas “fiéis” ao texto de partida, uma vez que ambas partem do mesmo texto, porém apresentam diferenças lexicais e semânticas muito relevantes para o leitor desses textos. Partindo dos conceitos de fidelidade defendidos por Eugene A. Nida, em *The Theory and Practice of Translation* e Francis Henrik Aubert, em *As (in)fidelidade da tradução: servidões e Autonomia do Tradutor*, analiso contrastivamente um trecho específico – o primeiro capítulo de Gênesis – para, através desta análise, exemplificar e comprovar a teoria de Nida que coloca a fidelidade como aquela que evoca no leitor do texto alvo o mesmo sentimento do leitor do texto de partida, não enfatizando o texto em si, mas sua recepção no leitor.

Palavras-chave: Bíblia. Tradução. Fidelidade

Abstract: This work, the fruit of a monograph which was proposed by the discipline “Tradução: Teoria e Técnica” (“Translation: Theory and Techniques”) from the Bacharelado em Letras course at Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), aims to verify if two current Bible translations previously chosen can be considered “faithful” to the source text, once both come from the same assumption, but present lexical and semantic differences that are too relevant for the reader of these texts. Based on the concepts of faithfulness defended by Eugene A. Nida on *The*

¹ Aluna do Bacharelado em Letras-Tradução, língua inglesa, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalho feito sob orientação da professora Sônia Gehring (UFRGS). Bolsista do grupo PET – Letras UFRGS

Theory and Practice of Translation and Francis Henrik Aubert on As (in) fidelidade da tradução: servidões e Autonomia do Tradutor, I use contrastive analysis in a specific piece of the text – the first chapter of Genesis – to, through this analysis, exemplify and prove the nidean theory which puts faithfulness as the one which evokes in the reader of the target text the same feeling as the reader of the source text, not emphasizing the text itself, but its reception in the reader.

Keywords: Bible. Translation. Faithfulness

Introdução

Não há dúvida quanto à importância da Bíblia para a civilização ocidental. Durante mais de quatro mil anos, no Velho e no Novo Testamento, ela vem sendo transmitida, seja oralmente, seja de forma escrita, à população mundial. É praticamente impossível encontrar alguém, no Ocidente, que nunca tenha ouvido falar da Bíblia, ou que não conheça algum versículo como “No princípio, Deus criou o céu e a terra” ou “Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonaste?”. Sua importância deve-se, principalmente, ao judaísmo e ao cristianismo, que contribuíram para a disseminação das Escrituras no mundo. Essas religiões creditam a produção da Bíblia a Deus, que apenas transmitiu Sua mensagem para os seres humanos. Coube aos mesmos o registro oral (principalmente nos livros do chamado Antigo Testamento, cujas histórias, ensinamentos e lições passaram de pai para filho hpor mais de dois mil anos antes de serem registrados em papiro ou pergaminho) ou gráfico dos livros.

Com a disseminação dos escritos bíblicos – principalmente através dos primeiros cristãos após a ressurreição de Cristo (Paulo em suas viagens, entre os anos 45 e 58) -, surgiu um novo elemento problematizador: nem todos liam em hebraico, língua predominante na escrita do Antigo Testamento. Como então passar o conhecimento bíblico para os que não dominavam a língua de partida? Através da tradução destes textos. Acredita-se que a primeira tradução foi elaborada entre 200 a 300 anos antes de Cristo. Como os judeus que viviam no Egito não sabiam o hebraico, o Antigo Testamento foi traduzido para a língua grega. Tal tradução foi realizada por cerca de setenta sábios e chamada de *Septuaginta*, ou Tradução dos Setenta, por causa da quantidade de tradutores. A partir desta, muitas outras traduções surgiram; enfatizo a *Vulgatha*, tradução polêmica – devido a escolhas que focavam o público leitor, e não o texto literal, fator dominante na época - de São Jerônimo de Strídon (Dalmácia, 347 – Belém, 419/420). Essa tradução é considerada pela Igreja Católica, desde o ano 1563 d.C., a tradução oficial. São Jerônimo inovou por ter sido o primeiro a traduzir a Bíblia diretamente do hebraico e do grego para o latim.

A partir da inovação de São Jerônimo surgiram muitas outras traduções das Sagradas Escrituras, cada uma com um propósito diferente: a de Lutero

(1543 – pioneiro na tradução da Bíblia para o alemão), a de João Ferreira de Almeida (1753 – pioneiro na tradução para a língua portuguesa) e, mais atualmente, no Brasil, as edições *A Bíblia de Jerusalém*, voltada para a exegese bíblica, pretendendo aproximar-se do original hebraico/grego, e *A Bíblia Sagrada – Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, destinada ao público cristão leigo, pela linguagem simplificada e sem arcaísmos. A última tradução citada foi motivo de divergências no clero. Algumas autoridades eclesásticas não concordam com a tradução, chamando-a de “infel” ao original, limitando, com o uso de seu léxico atual, as interpretações possíveis.

Esta divergência clerical é o motivo do presente artigo. Através de análise sintática e semântica de um trecho escolhido da Bíblia, o primeiro capítulo do livro de Gênesis, tentarei desvendar o porquê de tal divergência, uma vez que, tecnicamente, ambas edições são cristãs e partem do mesmo texto, a Bíblia editada em francês.

Servirão de aporte teórico para este trabalho os conceitos de fidelidade de Eugene A. Nida (1974) e Francis Henrik Aubert (1994). Enquanto a teoria de Nida é embasada na experiência do autor com a Bíblia (Nida é um pastor da Igreja Batista), a teoria de Aubert vem ao encontro da tradução como um todo, focando a questão da fidelidade no processo tradutório: vendo o tradutor como um ser real, suscetível à parcialidade, este autor afirma que tal parcialidade pode influenciar (e, de fato, influencia) no resultado final de sua tradução.

1 Tradução: a necessidade da transmissão de conhecimento

Se existiu realmente ou não, isso ainda é uma incógnita para nós. A Torre de Babel, citada bíblicamente no livro de Gênesis, capítulo 11, versículos de 1 a 9, é o marco histórico-cultural da proliferação das línguas no mundo. De acordo com a passagem bíblica, Deus não ficou satisfeito ao ver que o povo estava juntando forças para construir tal monumento, cujo principal objetivo era atingir os céus. A solução para isso? De acordo com os versículos 6 e 7:

Eis que são um só povo, disse ele (Deus), e falam uma só língua: se começam assim, nada futuramente os impedirá de executarem todos os seus empreendimentos. Vamos: desçamos para lhes confundir a linguagem, de sorte que já não se compreendam um ao outro. (Bíblia Sagrada, 1999)

Então, conforme segue a história, a partir da confusão de línguas a população se dispersou e, não estando unida, não conseguiu construir a tão sonhada torre. Deus havia conseguido dispersar a humanidade e fazer com que, através de línguas diferentes, formassem povos distintos, com suas próprias culturas, mitos e leis.

Mesmo não passando de uma lenda, não é errado afirmar que um grupo de falantes de uma mesma língua cria características próprias, não somente no modo de falar como também na cultura, devido a inúmeros fatores. Estas comunidades também possuem registros escritos de suas atividades (jornais, livros, sites, documentos oficiais etc). A globalização torna o mundo mais comunicativo e, para uma comunicação efetiva, a transmissão de conhecimento torna-se fundamental, através da tradução entre línguas diferentes ou até mesmo dentro da mesma língua. No entanto, mesmo partindo da mesma base (se voltarmos à torre de Babel ou simplesmente levarmos em conta agora as línguas românicas), haverá muitos empecilhos de ordem histórico-cultural que impedirão a transmissão da mensagem de uma língua para outra. Contudo, a necessidade de transmitir o conhecimento permanece.

1.1 A necessidade de se pensar sobre tradução

Porque todas as traduções envolvem fatores culturais, socioeconômicos e históricos, sem falar na óbvia diferença entre as línguas em si mesmas, o que podemos fazer para atingir o resultado esperado? Traduzir palavra por palavra? Traduzir as expressões idiomáticas? Inculturar² o texto para a realidade ao qual a tradução se destinará?

Em primeiro lugar, precisamos decidir qual é o resultado esperado, o que se quer de uma tradução. A resposta a essa pergunta guiará todos os outros passos para a realização da mesma.

Diversos autores deram suas respostas para tal pergunta, criando, assim, teorias diversas. Abordarei aqui duas obras de teóricos que lidam com o conceito de fidelidade dentro de contextos diferentes: em *The theory and the practice of translation* (1974), Eugene A. Nida enfatiza o texto - a Bíblia; em *As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor* (1994), Francis Henrik Aubert coloca ênfase no tradutor, através do processo tradutório e suas consequências para o texto traduzido.

1.1.1 Nida e os estudos bíblicos

O Dr. Nida uniu sua teoria da equivalência funcional na tradução da Bíblia com a missão da Sociedade, resultando em grandes feitos globais pela causa da Bíblia.

² Utilizo-me de uma palavra vinda da terminologia teológico-católica, que tem como definição: "(...) também chamada de internalização ou socialização, querendo expressar o processo mediante o qual os membros de uma determinada cultura assimilam seus valores, seus códigos, seus hábitos e sua compreensão do mundo." (BOFF 1990, p.24).

Hoje, o campo de tradução da Bíblia ainda sente o enorme impacto do trabalho pioneiro do Dr. Nida. (texto de apresentação do site nidainstitute.org)³.

Apesar de receber muitas críticas atualmente, as teorias nideanas foram pioneiras no pensamento moderno sobre tradução. Entretanto, deve-se levar em conta o foco de Nida, que é, como se pode perceber no excerto acima, a tradução da Bíblia.

Eugene A. Nida (1914-), pastor batista, desde muito cedo teve contato com as Sagradas Escrituras; almejava traduzir a Bíblia para conseguir levar a Palavra para o maior número de pessoas possível; estudou latim no Ensino Médio já tendo em vista seu objetivo na vida. Formou-se em grego em 1936, pela *University of California* e fez mestrado sobre o Novo Testamento Grego na *University of Southern California*. Em 1941, obteve seu Ph.D. em linguística, defendendo a tese *A synopsis of English Syntax*. Dois anos após tornou-se pastor.

Nida queria colocar a linguística a serviço da Palavra de Deus; queria produzir uma teoria que estimulasse a transmissão da Boa Nova enfrentando todos os tipos de barreiras culturais e linguísticas. Para tanto, em seus dois principais livros, *Toward a science of translating* (1964) e *The theory and practice of translation* (1914), Nida criou o conceito de equivalência dinâmica (*dynamic equivalence*), também conhecida por equivalência funcional (*functional equivalence*). Tal conceito remete à qualidade de um texto de causar o mesmo efeito de sentido tanto na língua fonte quanto na língua alvo; mesmo com mudanças de ordem lingüística, o sentido permanece inalterado.

1.1.2 Aubert e a servidão do tradutor

Para Aubert, em seu livro *As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do autor* (1994), uma tradução envolve fatores extralingüísticos, tais como a dimensão temporal e a interação entre os participantes do ato tradutório. O autor, na introdução do livro citado, expõe uma série de saberes comuns que se espalham mundo afora, colocando o tradutor como alguém submetido a diversas "servidões" (1994:7). Este, para uma tradução satisfatória, deveria, na medida do possível e do impossível, abstrair o seu próprio ser, tornar-se um mero canal, livre de "ruídos" ou outras obstruções à passagem "plena" do texto original à sua nova configuração linguística (idem). Aubert questiona este conceito de servidão, abrindo espaço para uma análise mais detalhada dos fatores envolvidos em um processo tradutório, relacionados aos participantes envolvidos (autor do texto de partida e autor do texto de chegada, complexidades entre os códigos/referentes e

³ Tradução livre feita por mim. No site, em inglês, o texto aparece dessa maneira: "Dr. Nida wed his theory of fimctional equivalence Bible translation with the Society's mission, resulting in tremendous global accomplishments for the Bible cause. Today, the field of Bible translation still feels the enormous impact/ Dr. Nida's pioneering work".

fatores que derivam das funções do texto, tais como metalinguagens, metáforas e estética). No desenrolar do livro ele tenta delinear os principais empecilhos na hora da tradução e que consequências estes têm no produto final.

2 Bíblia: *best seller* desde sempre

Escrita por cerca de 40 pessoas e em um período de 1600 anos, a Bíblia hoje alcançou o patamar de livro mais vendido e lido do mundo. Seja por seu conteúdo religioso, seja por suas lições de moral ou simplesmente pela história de um povo que é retratada em suas páginas, seu valor histórico-cultural-religioso é incomensurável.

De acordo com estatísticas da Sociedade Bíblica do Brasil, somente no ano de 2007 foram distribuídas 26.996.323 Bíblias no mundo. Deste montante, 11.383.264 foram distribuídos na região das Américas. Chegaram a 5.161.811 exemplares no Brasil.

Erni Seibert, pastor, nos diz que “não há outro livro que em outra religião desempenhe o mesmo papel que a Bíblia desempenha para a fé cristã. Ela é o texto básico da fé cristã e é um livro que nasceu para ser traduzido para todas as línguas existentes sobre a face da terra.”⁴ Logo, ocupando o lugar de livro mais lido, traduzido e distribuído no mundo, a Bíblia deveria ser conhecida e compreendida por toda a humanidade. A necessidade de difundir seus ensinamentos, através dos tempos e entre os mais variados povos, resultou em inúmeras traduções para os mais variados idiomas. Hoje é possível encontrar a Bíblia, completa ou em porções, em aproximadamente 2.400 línguas diferentes.

2.1 São Jerônimo: a *bíblia para todos*

Jerônimo nasceu em Stridon (Dalmácia, atual Croácia), no ano de 347 da era cristã. De família católica, tornou-se bispo cedo e dedicou o resto de sua vida aos estudos da Bíblia, sendo promovido a secretário e conselheiro do papa Damaso, em 382, e responsável por reunir os textos bíblicos e fazer uma compilação dos mesmos. Diante da ideia de uma simples compilação, Jerônimo resolveu inovar, trazendo a Bíblia para a língua latina.

Em relação à tradução da Bíblia, o próprio São Jerônimo escreve um dos mais polêmicos discursos sobre a tradução da Bíblia para o Latim, especialmente porque viera do próprio tradutor:

Obrigas-me fazer de uma Obra antiga uma nova... da parte de quem deve por todos ser julgado, julgar ele mesmo os outros, querer mudar a língua de um

⁴ Entrevista ao site adiberj.org, 2006, acesso em 26 nov. 2008, 15:30:20.

velho e conduzir à infância o mundo já envelhecido. Qual, de fato, o douto e mesmo o indouto que, desde que tiver nas mãos um exemplar, depois de o haver percorrido apenas uma vez, vendo que se acha em desacordo com o que está habituado a ler, não se ponha imediatamente a clamar que eu sou um sacrílego, um falsário, porque terei tido a audácia de acrescentar, substituir, corrigir alguma coisa nos antigos livros? (Meclamitans esse sacrilegum qui audeam aliquid in verteribus libris addere, mutare, corrigere). Um duplo motivo me consola desta acusação. O primeiro é que vós, que sois o soberano pontífice, me ordenais que o faça; o segundo é que a verdade não poderia existir em coisas que divergem, mesmo quando tivessem elas por si a aprovação dos maus. (Obras de São Jerônimo, edição dos Beneditinos, 1693, t. It. Col. 1425). (grifo meu)

Mesmo com essa declaração polêmica de São Jerônimo, em relação às mudanças no texto original no momento de realização da tradução, o texto bíblico traduzido por ele foi aprovado como sendo oficial pela Igreja Católica durante o Concílio de Trento (1546-1563). Essa tradução é conhecida até hoje como *Vulgata* e continua sendo a tradução oficial da Igreja Católica. Apenas passou por uma revisão, em 1979, sendo agora denominada *Neovulgata*.

2.2 João Ferreira de Almeida e a *bíblia* em língua portuguesa

A primeira Bíblia completa em língua portuguesa foi publicada somente em 1753, na tradução do pastor João Ferreira de Almeida (1628-1691). Não se sabe muito sobre sua vida além dos registros em atas de presbitérios de igrejas reformadas na Ásia, onde trabalhou como missionário, tradutor e pastor no final do século XVII.

Nascido na cidade de Torres de Tavares, em Portugal, Almeida morreu em 1691, na Batávia, atual ilha de Java, Indonésia. Com apenas 16 anos, deu início à tarefa de traduzir a Bíblia para a língua portuguesa, à qual se dedicou até o final de sua vida.

2.3 Atuais traduções da *bíblia* em língua portuguesa

A necessidade de uma aproximação maior do leitor com a obra faz com que, a cada dia, surjam novas edições da Bíblia, cada uma focando um público diferente. Entre as edições que atualmente circulam no mercado, cito, a seguir, duas com grande número de diferenças entre si, que também são as que serão analisadas minuciosamente no decorrer deste trabalho.

2.3.1 *Bíblia de Jerusalém*

A Bíblia de Jerusalém é considerada pelos estudiosos da área uma das melhores (se não a melhor) traduções bíblicas, podendo ser utilizada não apenas

no trabalho de teólogos, religiosos, tradutores, linguistas e cientistas sociais, independente da religião, mas também por fiéis leigos que querem se aprofundar no estudo bíblico, visto que tal edição conta com vários recursos que auxiliam o público leitor a melhor compreender e contextualizar os textos sagrados.

Esta publicação tem algumas peculiaridades que a diferenciam de outras traduções. Primeiramente, é fruto de um árduo e intenso trabalho, realizado por uma equipe de exegetas católicos e protestantes e por um grupo de revisores literários em conjunto. Outro diferencial são as notas explicativas que incluem as mais recentes referências geográficas, históricas, literárias, contendo também mapas, cronologia e introduções que situam o leitor no contexto do texto a ser apresentado.

Pode ser encontrada, no site da Editora Paulus, a seguinte descrição da Bíblia de Jerusalém:

Bíblia de Jerusalém apresenta um TEXTO com muitas revisões e novas opções textuais. Certos livros (Miquéias, Eclesiástico, p. ex.) foram substancialmente remodelados. No Antigo Testamento há considerável volta ao texto hebraico, deixando de lado versões preferidas anteriormente. Certos textos do Novo Testamento também trazem uma tradução inteiramente nova (cf. p. ex. Filipenses 2,6-11). Como consequência das novas opções de tradução do texto, as NOTAS também foram modificadas, ampliadas ou substituídas. O volume de notas aumentou consideravelmente. É visível a incorporação das novas pesquisas e estudos posteriores à edição do texto francês em 1973. As INTRODUÇÕES apresentam novas opções que também estão refletidas nas notas. Isso se verifica principalmente na visão da formação do Pentateuco. O evangelho de João, p. ex., mostra uma virada hermenêutica total, que se pode constatar tanto na introdução como nas notas. Vários livros e conjuntos literários receberam novas introduções, completamente diferentes das anteriores (p. ex.: Cântico, Sinóticos, João, Hebreus etc.). (grifos e maiúsculas do autor)

A partir do momento em que se afirma que “(...) volta ao texto hebraico, deixando de lado versões preferidas anteriormente” (grifo meu), nota-se um tom de distanciamento com o que era tido como padrão para o público leitor da Bíblia e também, implicitamente em minha interpretação, uma diminuição do grau de fidelidade das outras edições em comparação com a atual. Pode-se perceber, então, que esta edição veio com um propósito diferenciado das outras edições lançadas até agora, devido às comparações feitas dos textos e suas respectivas traduções.

2.3.2 Bíblia Sagrada: nova tradução na linguagem de hoje (ntlh)

No site da Editora Paulinas, responsável pela edição da *Bíblia Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH)*, encontra-se o seguinte texto:

As vantagens desta tradução: A maior vantagem desta Bíblia chamada “Bíblia Sagrada - Nova Tradução na Linguagem de Hoje” continua sendo sua linguagem mais acessível. Os tradutores adaptaram as expressões originais dos textos bíblicos pertencentes à cultura do Antigo Israel ao modo de se falar atual em nossa cultura. Dessa forma, a leitura de muitas frases foi facilitada.

Através do pequeno excerto acima, percebe-se claramente a intenção de tal edição da Bíblia: deixá-la bem clara para o público leigo que, na grande maioria das vezes, não está acostumado com um vocabulário tão erudito como o de edições anteriores das *Sagradas Escrituras*. Também, de acordo com o texto acima transcrito, é função desta edição bíblica a inculturação de expressões do *Antigo Israel*.

A possibilidade da transmissão da Palavra de Deus de um modo simplificado atraiu a atenção de muitas pessoas interessadas, tornando a *NTLH* uma das edições da Bíblia mais vendidas e apreciadas pelos cristãos leigos.

3 Uma coisa na outra: análise de trechos bíblicos levando em conta o aspecto sintático e semântico

A pergunta lançada na introdução: “Que tipo de diferenças existem entre estas duas traduções da Bíblia e qual o grau de fidelidade de cada uma delas?” agora encontrará aporte prático para sua resposta. Através de análise de trechos paralelos dos textos, a comparação será realizada entre os mesmos, verificando que tipo de diferença semântica pode existir nos diferentes excertos e que implicações essas semelhanças ou diferenças têm para a compreensão e interpretação das Sagradas Escrituras. O texto-base que será utilizado para análise será o capítulo I do livro do Gênesis, primeiro livro da Bíblia, cujos capítulos encontram-se no anexo em sua íntegra e nas duas versões.

Começarei com o versículo 2 na Bíblia de Jerusalém, no qual observamos: “A terra era um vazio, sem nenhum ser vivente, e estava coberta por um mar profundo. A escuridão cobria o mar, e o Espírito de Deus se movia por cima da água”. Já na *NTLH* vemos: “Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um vento de Deus pairava sobre as águas”. A diferença torna-se nítida em nível lexical (a escuridão cobria o mar X as trevas cobriam o abismo) e faz toda a diferença no nível semântico. Vejamos as acepções das palavras *escuridão/trevas* e *mar/abismo* segundo o dicionário de Celso Pedro Luft (2000):

Escuridão X Trevas

Escuridão (s.f.) 1. Falta de Luz; trevas 2. Lugar escuro. 3. Noite

Trevas (s.f. pl.) 1. Escuridão; falta de luz. 2. Noite. (fig.) Ignorância

Mar X Abismo

Mar (s.m.) 1. Massa de água salgada que cobre a maior parte da superfície da Terra. 2. Porção definida dessa vasta extensão de água (mar Mediterrâneo, mar Vermelho etc). (fig) 3. Imensidão; vastidão. 4. Grande quantidade de alguma coisa.

Abismo (s.m.) 1. precipício; despenhadeiro. 2. vórtice; voragem

Percebe-se, em relação ao par *escuridão/trevas*, uma diferença semântica na concepção figurativa de trevas, vocábulo presente em *A Bíblia de Jerusalém*. Além de todo o conteúdo semântico “literal” que a passagem passa, nessa edição ainda soma-se a ideia de que somente existia a ignorância antes da criação; leitura essa que é muito mais difícil de realizar tendo em mãos a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Acredito que a escolha do vocábulo *escuridão* na *NTLH* é devido à proposta de tornar a história da criação do mundo mais plástica, visual. Além disso, *escuridão* tem um tom mais coloquial do que *trevas*.

Outra diferença, desta vez marcante, é o par *mar/abismo*. Não existe nenhuma semelhança semântica entre os dois vocábulos. A ligação mais próxima que se pode fazer entre os dois é a ideia de infinitude, como se, aparentemente, só houvesse *escuridão* no Universo.

Outro exemplo tomamos do Versículo 14. Enquanto na *NTLH* temos “Então Deus disse: - Que haja luzes no céu para separarem o dia da noite e para marcarem os dias, os anos e as estações!”, em *A Bíblia de Jerusalém* temos “Deus disse: “Que haja luzeiros no firmamento do céu para separar o dia e a noite; que eles sirvam de sinais, tanto para as festas quanto para os dias e os anos”. Neste caso, a diferença não se torna apenas semântica como pragmática. A Bíblia de Jerusalém é, conforme sua proposta, culturalmente mais aproximada do hebraico, cujo povo comemorava suas festas de acordo com as fases da lua, dado que a grande maioria delas se devia à agricultura (festa da plantação, festa da colheita etc); tal aspecto foi simplesmente ignorado pela *NTLH*, adequando-se à sociedade atual, suprimindo *festas* e colocando em seu lugar *estações*, dando um aspecto mais contemporâneo ao texto.

Ainda cito os vários marcadores de sequência que estão presentes na *NTLH* e nem aparecem em *A Bíblia de Jerusalém*, tais como *então* (versículos 3,6,14,24), *aí* (versículos 9 e 26) e *assim* (versículos 21 e 27). Acredito que tais marcadores tenham sido utilizados para dar uma fluência maior ao texto, ligando-o como um todo. Podemos ver tal fluência comparando estes dois trechos:

Nova Tradução na Linguagem de Hoje	A Bíblia de Jerusalém
“Então Deus disse: -Que haja luz! E a luz começou a existir” (v.3)	“Deus disse ‘haja luz’ e houve luz” (v.3)
“Aí Deus disse: - Que a água que está debaixo do céu se ajunte num só lugar afim de que apareça a terra seca! E assim aconteceu. (v.9)	“Deus disse: ‘Que as águas que estão sob o céu se reúnam numa só massa e que apareça o continente’ e assim se fez. (v.9)

Muitos outros pares de vocábulos e/ou expressões poderiam ser analisados; entretanto, para a finalidade desta monografia acredito serem suficientes os

exemplos já elencados (explicitados e explicados). Passo agora à análise destes trechos na obra como um todo através dos conceitos de fidelidade de Nida e Aubert.

4 Questões de fidelidade na tradução da Bíblia

No prefácio da *NTLH* existe a seguinte citação:

Essa tradução, além de manter uma fidelidade irrestrita aos textos originais, representa um significativo esforço por adequar-se à cultura e linguagem do homem contemporâneo, facilitando aos fiéis a compreensão dos conteúdos da revelação de Deus e permitindo-lhes uma maior familiaridade com a sua palavra (DV, 25) (grifo meu)

O que será essa *fidelidade irrestrita* proposta pelos editores desta Bíblia? Por que esta expressão é utilizada em tal edição?

De acordo com Nida (1974:201), em um glossário terminológico escrito por ele mesmo, uma tradução fiel seria aquela que

(...) evoca em um receptor essencialmente a mesma reação do que aquela manifestada pelos receptores da mensagem original. O receptor entende o mesmo significado nesta, reagindo emocionalmente da mesma forma, e toma decisões e ações análogas do mesmo modo que os receptores originais; a fidelidade é, fundamentalmente, uma qualidade da mensagem em detrimento da qualidade da forma, i.e., resulta da equivalência dinâmica em detrimento da correspondência formal⁵. (grifo do autor)

O autor polariza o conceito de fidelidade, levando-o para o lado do significado (qualidade da mensagem). Tal foco remete ao conceito de *escopo*⁶, uma vez que a mensagem é decodificada de formas diferentes de acordo com o leitor do texto e de suas condições de leitura. Aubert nos diz:

Ao assumir, porém, o papel de Emissor², o tradutor vê-se diante de outras contingências. Estabelece, direta ou indiretamente, uma relação comunicativa

⁵ Tradução livre feita por mim. No texto em inglês Nida diz: “faithful (translation): which evokes in a receptor essentially the same response as that displayed by the receptors of the original message. The receptor understands the same meaning in it, reacts to it emotionally in the same way, and comes to analogous decisions and actions as the original receptors; faithfulness is primarily a quality of the message rather than of the form, i.e., it results from *dynamic equivalence* rather than *formal correspondence*. (grifo do autor)

⁶ Escopo (s.m.) Alvo; fim; objetivo. Concentro neste vocábulo a chave da resposta para a primeira pergunta do ponto 1.1. Se o tradutor souber o *porquê* ou *para quem* está traduzindo, o texto terá mais probabilidade de ser aceito pelo público-alvo, uma vez que ele foi considerado durante o processo tradutório.

com os receptores. Consciente ou subconscientemente, tenderá a levar em conta que as condições de recepção dos destinatários da tradução são ao menos parcialmente distintas das condições de recepção vivenciadas por ele, tradutor. Negocia significados e sentidos não mais apenas com o texto original e com o constructo mental que corresponde à sua visão do autor original, o de sua visão, unitária ou multifacetada, do conjunto de receptores da tradução que empreenderá do texto, ou, mais precisamente, do novo texto que substituirá o primeiro, na recepção do(s) seu(s) público(s)-alvo. É, outra, portanto, na situação comunicativa, são outras as relações intersubjetivas e, assim, necessariamente será outra a abordagem do texto no decorrer da execução do ato tradutório. (1994,p.27, grifo meu)

O autor afirma que a tradução depende da situação comunicativa entre tradutor e texto, original e tradutor e leitor da tradução. A abordagem da tradução deve ser voltada para o leitor da tradução, sem deixar de levar em consideração o texto original. Acredito que tal explanação teórica venha ao encontro da primeira citação desta subseção, segundo a qual um texto deve ser voltado para o entendimento de um público específico, facilitando a compreensão com a escolha de um léxico definido.

Como já citado anteriormente, Nida coloca sua fidelidade à disposição do receptor da mensagem: o foco é transmitir a mensagem, da maneira que for possível, deixando a forma em segundo plano.

Concordo com a teoria nideana sobre a fidelidade: não é essencialmente formal; antes de tudo, ela deve transmitir o conhecimento (neste caso, assim como em Nida, a “Boa-Nova”, Palavra de Deus) para as pessoas da mesma maneira que foi recebida pela primeira vez, nos primeiros séculos pelo chamado ‘povo escolhido’. Se, como já disse São Jerônimo, a tradução deve permanecer atual, por que deixá-la “envelhecer”? Se a Bíblia não fosse “renovada” regularmente, as pessoas gradativamente deixariam de lê-la para ler textos atuais, com léxico e sintaxe mais próximos de sua realidade. O princípio catequético de evangelizar estaria perdido, porque a leitura da Bíblia não seria um prazer, seria um tormento; e a Palavra de Deus, antes tida como próxima do homem, soaria tão arcaica que não faria sentido a um leitor que não estivesse preparado para tal.

Por outro lado, a tradução de *A Bíblia de Jerusalém* também torna-se fiel à medida que chega a leitores que desejam receber um texto próximo do que seria o original; se os leitores de tal edição a lêem como uma tradução mais “literal”, com mais correspondentes formais do que equivalentes dinâmicos, este público se inclui no escopo da equipe que decidiu traduzir a Bíblia desta maneira. Assim, após mostrar diferenças entre as duas traduções, chego à conclusão de que ambas, segundo os conceitos de fidelidade de Aubert e Nida, são fiéis à medida que seu escopo é respeitado.

Acredito que o rótulo de *tradução infiel*, dado por parte do clero à *NTLH*, não está bem especificado. Infiel a quê? Se o clero estiver se referindo à fidelidade

formal, palavra-por-palavra, receio afirmar que, em certo ponto, este tem razão, visto que a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* foi traduzida com estruturas sintáticas simples e vocabulário coloquial, utilizado em nosso dia-a-dia. Utilizo-me do mesmo argumento para corroborar o prefácio da *NTLH*: (...) *fidelidade irrestrita aos originais* (...). Graças às mudanças sintáticas e semânticas ocorridas nesta edição, a interpretação dos trechos bíblicos é facilitada, devido, como se pode observar na análise, ao uso de termos coloquiais, vocábulos com sentido mais restrito do que os utilizados em *A Bíblia de Jerusalém*, entre outros fatores. Sendo assim, o leitor de hoje sentir-se-á tão à vontade com o texto bíblico como um hebreu que viveu no séc. I d.C., graças à atualização da linguagem. Sentindo-se à vontade e, acima de tudo, *entendendo* a Palavra de Deus, o objetivo principal da *Bíblia Sagrada - Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, ou seja, a catequese, estará sendo cumprida.

5 Considerações finais

Após a análise contrastiva entre *A Bíblia de Jerusalém* e a *Bíblia Sagrada - Nova Tradução na Linguagem de Hoje* à luz dos conceitos de fidelidade de Nida e Aubert, foi possível verificar a gama de linguagens à qual a Bíblia encontra-se relacionada hoje em dia e de que maneira estas formas de expressão tornam-se fiéis a seus objetivos. Uma vez que tal texto tem um objetivo fundamental e que não envolve uma fidelidade diacrônica, promovendo uma sincronia entre texto traduzido e público-alvo, constata-se, para fins desta análise, que ambas as traduções enquadram-se nos conceitos de fidelidade de Nida e Aubert.

Finalizo este trabalho com uma citação do mesmo livro do Gênesis, que, apesar de inserido no contexto bíblico, possuir um sentido lato, pode ser visto em um sentido estrito se lido à luz da conclusão desta monografia:

“E Deus viu que tudo era bom.” (Gn 1, 31a)

Referências

- A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Editora Paulus, Nova Edição Revista, 1996.
AUBERT, Francis Henrik. *As (in)fidelidade da tradução: servidões e Autonomia do Tradutor*. 2a ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 1994.
Bíblia Sagrada. São Paulo: Ave-Maria, 123a ed., 1999.
Bíblia Sagrada - Nova tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Edições Paulinas, 2005.
LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. São Paulo: Ática, 2000.

BOFF, Leonardo. *Nova Evangelização. Perspectiva dos Oprimidos*. Ceará: Editora Vozes, 1990.

NTDA, Eugene A. *The theory and practice of translation*. [S.l]: United Bible Societies, 1974.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Documento da Igreja Católica n° 134. São Paulo: Edições Paulinas, 7a ed., 2006.

Editora Paulinas - Loja Virtual : *Informações sobre textos bíblicos*. Disponível em <http://www.paulinas.org.br/loja> Acesso em 22 nov 2008, 13:01:20

Editora Paulus - Loja Virtual : *Informações sobre textos bíblicos*. Disponível em <http://www.paulus.com.br/lojavirtual> Acesso em 22 nov 2008, 10:32:00

Nida Institute for Biblical Scholarship. Disponível em <http://www.nidainstitute.org/> Acesso em 21 nov 2008, 00:24:30

MOURA, Sandra Maruri de. *Bíblia de Jerusalém*. Disponível em <http://www.biblia-sagrada.com/> Acesso em 22 nov 2008, 12:45:50

SEIBERT, Erni W. *Cultura: Bíblia permanece sempre no topo*. Entrevista. Disponível em <http://www.adiberj.org/modules/news/article.php?storyid=3177> . Acesso em 26 nov. 2008, 15:30:20.

Sociedade Bíblica do Brasil. (Traduções da Bíblia e João Ferreira de Almeida). Disponível em <http://www.sbb.org.br/interna.asp?areaID=124> Acesso em: 20 nov. 2008, 16:37:40.

O jeito que a gente escreve: convencionalidade na linguagem especializada

Maria Cristina Alencar Silva¹

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de discutir o caráter prático de problemas ligados à adequação da linguagem à convencionalidade de áreas especializadas. Começaremos por tratar as questões ligadas às possíveis dificuldades dos textualizadores em relação a essa adequação e os problemas comuns enfrentados em função da pouca familiarização com o modo de dizer da área em questão: Pediatria. Nossa reflexão será guiada pelas discussões levantadas por Tagnin para, em seguida, observarmos as ferramentas que oferecem auxílio ao tradutor/textualizador em relação ao modo de dizer especializado. Serão observados os problemas em torno de termos, colocações, expressões fixas, construções e fraseologias: os possíveis jogos de sentido entre esses itens terminológicos e os itens lexicais (dos quais aqueles são provenientes), a fragilidade do limite entre o léxico especializado e o comum e o processo de resignificação no qual as palavras comuns adquirem significados específicos pertinentes a determinado campo de saber científico, tornando-se elementos integrantes de repertórios terminológicos. Por fim, nós nos reportaremos a duas frentes de estudos teóricos que endossam a perspectiva de Tagnin e subsidiam recursos para uma melhor prática textual: a Terminologia e a Linguística de Corpus.

Palavras-chave: Modo de Dizer. Linguagem Especializada. Linguagem em Uso.

Résumé: Cet article a l'objectif de réfléchir sur le caractère pratique des problèmes liés à l'adéquation du langage aux conventions des communications spécialisées. Tout d'abord, Nous nous pencherons sur les questions liées aux possibles difficultés du

¹Aluna do Bacharelado em Letras - Tradução em Francês na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista voluntária do projeto *Catálogo de Construções Recorrentes em Pediatria* do grupo Textecc.